Duas Vidas

Encontro

B. Pellizzer

Letras e Versos
Brasil
2015

Agradecimentos

Duas Vidas, apesar de ser uma história de ficção, foi um momento de resgate:
resgatei amigos, resgatei momentos, resgatei lembranças.

Alguns desses (bons) amigos me inspiraram personagens, dois deles centrais
nesta história e, nessa hora, não sei se agradeço a eles por serem como são, ou ao
Criador por tê-los feito existir. Vou pensar nesse dilema mais tarde, por agora,
meu muito obrigada aos queridos Toni Rudi e Rogério Rodrigues, que
emprestaram suas personalidades a Franklin e Rodrigo.

Meu obrigada vai também ao leitor que dedicou seu tempo para conhecer
minha história e mergulhar um tantinho em meu mundo inventado.

E meu amor e gratidão eternos para minha musa, fonte de inspiração, e razão
de eu escrever: RAS, para sempre e todos os dias.

Duas vidas

Apresento-vos a primeira personagem de minha história. Seu nome é Isabel.

Isabel é uma mulher na plenitude do conceito.

Tem 20 anos, mas já sabe o que quer da vida sem, entretanto, carregar aquela obtusa certeza que algumas pessoas têm de que não vão mudar de ideia. A cada dia que acorda, entende que o mundo é um lugar cheio de perspectivas e que cada escolha pode fazer tudo girar diferente.

Com um temperamento que pode ser considerado difícil por alguns, Isabel não é o tipo que leva desaforo pra casa. O que ela tem que resolver, resolve na hora. Não gosta de mal-entendidos e quase sempre fala o que pensa. Quase. Com o tempo, tem aperfeiçoado um filtro entre o cérebro e a boca que a permite emitir opinião apenas quando solicitada.

É claro que esse filtro nem sempre funciona o que a põe em apuros, às vezes, mas ela sempre dá um jeito de resolver seus próprios problemas.

De sorriso fácil, Isabel não se acha bonita. Acredita que seu sucesso com os rapazes vem, principalmente, de seu bom humor e de sua disposição para se aventurar. É claro que o par de peitos enorme que carrega ajuda, mas ela não faz mal uso de seus atributos físicos. Prefere levar a vida com mais alegria e menos luxúria.

Ainda mora com a mãe porque não consegue justificar uma mudança, mas não costuma levar namorados em casa. Compromissos eram importantes para sua mãe mesmo que não o fossem para ela. Pelo menos não aquele tipo de compromisso. Quando estivesse pronta para se comprometer, ela o faria incondicional e completamente.

Era esse o fato que a fazia meditar: como é que tinha acabado em um noivado com Carlos?

Faltando três dias para a cerimônia de casamento, ela decidiu botar um ponto final naquela história que já tinha ido longe demais.

- Não estou pronta pra me casar, Carlos. Pensei que estivesse, mas não estou.

- Não seja ridícula, Isa. Vamos nos casar no sábado. Faltam três dias. Isso

que você está sentindo é normal. É só um pouco de pânico por causa da proximidade da data. Você não pode esperar que eu cancele tudo, em cima da hora, só porque você teve um surto psicótico. É totalmente inaceitável.

- Então não chame de cancelamento. É só um adiamento. Postergamos a data para daqui seis meses, um ano no máximo. Vai me dar tempo pra me acostumar com a ideia de ser uma mulher casada.

- Santo Deus! Até parece que você vai se casar com um completo estranho. É um casamento, Isabel, não uma dimensão alternativa.

- Não sei, Carlos. Não sei. Ultimamente você tem andado muito controlador. Anda insinuando que, depois que nos casarmos, eu vou parar de trabalhar. Também tem implicado com meus amigos. E, pior, todas as vezes que tento conversar contigo sobre essas preocupações você faz pouco caso delas. Não estou preparada pra perder minha liberdade, nem pra abrir mão dos meus amigos.

- Ah, então o problema é o empreguinho de dois salários mínimos e aqueles marginais a quem você chama de amigos?

- Não Carlos. O problema sou eu. Eu gosto do meu empreguinho de dois salários mínimos: ele me dá condições de pagar as despesas com a faculdade. Eu gosto dos meus amigos, não só daqueles a quem você chama de marginais sem o menor conhecimento de causa, mas também daquelas a quem você chama de putinhas, piranhinhas e vagabundinhas pobres. Eu gosto de viajar, eu gosto de conhecer gente, eu gosto de praticar esportes e nós nem nos casamos e eu já não consigo treinar há dois meses. Não quero essa vida pra mim. Dar um tempo pode ser bom para os dois.

Carlos começava a perder a linha. Ele já tinha percebido o distanciamento da noiva, mas pensou se tratar de nervosismo por causa da proximidade do casamento. Jamais cogitou a possibilidade de Isabel querer terminar tudo. Ele sabia que seria difícil manter uma mulher como sua noiva por perto, mesmo depois de casados, mas ele tinha planos para controlar a personalidade extrema de Isabel e achava que daria conta de afastá-la das más influências. De repente via tudo desmoronar. Passou as duas mãos pela cabeça, revirando completamente os cabelos negros.

- Eu já disse que tenho condições de te sustentar, de pagar tua faculdade. Qual o problema disso? É o sonho de muitas mulheres. Você vai ter uma casa, um carro só teu e todo o tempo do mundo pra cuidar de si mesma. Vai poder ir à manicure todas as semanas. Olha o estado dessas unhas, Isabel!

- Eu não ligo pras minhas unhas, essa é a questão. Gosto delas assim. São unhas que dizem: essa mulher tem uma vida!

Isabel se afastou um passo ao perceber que os olhos azuis do noivo se estreitaram. Olhou para as mãos de Carlos. Notou que seus punhos estavam fechados, e resolveu manter o silêncio, até que ele voltou a falar.

- Se o problema é o emprego, tudo bem. Eu permito que você o mantenha.

Ao ouvir aquilo, Isabel não se conteve:

- Permite? Você permite? Ah muito obrigada, meu senhor, por tão grande favor. – Terminou a frase fazendo uma reverência ao noivo.

- Agora você está sendo completamente irracional, Isabel Ferrara!

Isabel deu um suspiro profundo e, com a entonação vocal mais calma que conseguiu buscar dentro de si, disse:

- Só estou pedindo alguns meses. Continuamos namorando. Estabelecemos algumas regras de convívio. Se você quiser posso até me mudar para o teu apartamento, mas casar, não. Ainda não.

- Se você não queria se casar, por que deixou chegar tão longe?

- Não sei. Senso de responsabilidade, um pouco de pena. Mas principalmente por causa da responsabilidade.

- Pena?

- É. Pena. Mas só um pouquinho. Você investiu tanto tempo nesse relacionamento. Não achei justo contigo abrir mão de tudo sem te dar mais uma chance.

- Pois eu te digo que nos casaremos no sábado.

- E como é que você pretende me obrigar? Tem alguma ideia? - Isabel se aproximou do noivo, segurou suas mãos - Vamos fazer a coisa direito, nossos amigos vão entender, você sabe que sim. Além disso, vamos continuar juntos. Namorados por mais um tempo. O que tem de tão ruim nisso?

- Ou nos casamos no sábado, ou terminamos tudo agora. Nada de namoro, nada de amizade, nada de nada.

- Se é assim que você quer...

Isabel tirou a aliança de ouro da mão direita e entregou ao noivo, quando virou as costas e foi em direção à porta, ainda o ouviu perguntar:

- Você não vai nem considerar as consequências desse ato?

- Eu sei quais são as consequências, Carlos. Pesei cada uma delas antes de vir até aqui ter essa conversa contigo.

Sem um pingote de tristeza, Isabel cruzou a soleira da porta do escritório de Carlos e ganhou a rua.

Será que deveria se sentir culpada por aquela sensação de liberdade, por aquela leveza no coração? Quando Carlos disse que queria terminar o relacionamento Isabel não sentiu nem um tremorzinho, nem um arrepiozinho na pele. Tudo o que sentiu foi uma sensação de alívio como se, ao fazer aquilo, Carlos a libertasse de uma prisão.

Relacionamentos, em geral, eram difíceis para Isabel. Ela sempre ouvia as amigas reclamarem que os rapazes não queriam nada sério; que eles nunca ligavam no dia seguinte; que não se importavam com nada; e que só queriam se

divertir.

Então o que acontecia com os rapazes que Isabel namorava? Porque ela, só queria se divertir. Tudo o que Isabel queria era alguém pra sair, dançar, correr, conversar, beijar na boca, sem ter aquela preocupação de ligar no dia seguinte. Se ela quisesse um final de semana de folga, não precisar se preocupar com melindres de homem ofendidinho. Até era bom ter um namorado, às vezes, mas Isabel queria mais. Queria mais tendo menos. Queria um parceiro. Alguém que confiasse nela, que aceitasse seu modo livre de ser. Sem cobranças desnecessárias, sem cenas, sem ter que visitar pai, mãe, cachorro do vizinho da prima. Só um tempo bom juntos, e o direito de passar um tempo separados e, mais tarde, depois de todo o tempo que passaram juntos pra se conhecer e se aceitar, se for bom para os dois, mergulhar de vez na vida um do outro com direito a parentes chatos, bichos de estimação e bafo matinal. Como isso podia ser tão difícil?

De qualquer maneira, estava terminado. Isabel estava livre e sua concha era o mundo, o céu tinha ficado até mais azul.

Enquanto Isabel passeia em êxtase pela sua liberdade recém-adquirida, deixe-me apresenta-los Rogério.

Rogério é o que se chama bom-moço.

Ele não bebe, não fuma, e não trepa.

Criado numa família evangélica, mais novo de três irmãos, aprendeu desde cedo a temer a Deus e ao braço pesado de seu pai. Não desrespeita os mais velhos, não gasta mais do que ganha, não anda descalço e não come sem lavar as mãos.

Alto, forte e de sorriso largo, Rogério é muito consciente de seus atributos físicos e sabe que é bonito, mas não faz mau uso disso. Como bom-moço que é, tem namorada exclusiva com quem pretende se casar e a quem é fiel.

Rogério é policial rodoviário e cheio de ambições. Feliz com sua vida, ele gosta de acordar pela manhã, se olhar no espelho, e encontrar o rosto limpo com as sobrancelhas sempre bem delineadas - a vaidade era o único pecado que assumia sem pudor - de um homem honesto, sem dívidas, e trabalhador.

A única sombra no traçado perfeito de Rogério é seu namoro com Larissa.

Juntos há quatro anos, o namoro dos dois tinha atingido aquele ponto em que é embaraçoso explicar porque um bom casal de namorados cristão ainda não resolveu dar o último passo: o casamento.

Não que Rogério tivesse medo de se comprometer. Toda a sua vida era de compromissos. O que ele não queria era se comprometer - mais - com Larissa. Ele a amava e respeitava, mas faltava alguma coisa. Rogério não se via casado

com uma mulher que tinha o impulso emocional de uma máquina de lavar roupas. Tudo o que Larissa fazia era cronometrado, agendado, testado. Ela nunca erguia a voz, nunca contrariava Rogério, nunca tinha opinião. Quando Larissa era necessária, só era preciso apertar os botões certos e tudo corria perfeitamente. Pensando bem, a máquina de lavar de seus pais, que vivia quebrando, tinha mais personalidade que Larissa.

Ou talvez, só talvez, o problema de Larissa não fosse sua personalidade. Talvez ela estivesse tão infeliz com aquele relacionamento quanto ele e, por isso, não fizesse força alguma para torna-lo melhor pra nenhum dos dois. Esse talvez, entretanto, Rogério pensava baixinho, lá naquele cantinho do cérebro não contaminado pela vaidade. Mesmo que não quisesse viver com Larissa o resto de sua vida, pra ele era inaceitável que ela pudesse ter o mesmo tipo de pensamento.

De qualquer maneira, Rogério sabia que não adiantava ficar reclamando. Ele podia tomar duas estradas: em uma seria o bom-moço que sempre fora, assumiria e honraria seu compromisso com Larissa e faria de tudo para aquele arranjo dar certo; em outra, ele seria irresponsável uma única vez na vida, além de ser totalmente honesto com a moça, e terminaria aquele namoro liberando-a do compromisso.

Tudo isso Rogério pensava enquanto se arrumava, caprichosamente, para seu encontro com a namorada.

Quarta-feira, o dia internacional do sofá. Toda quarta-feira, religiosamente, Rogério visitava Larissa e eles ficavam naquele sofá, de mãos dadas, fazendo absolutamente nada.

Quanto a Larissa, se o momento chegar, falaremos sobre o que ela pensa de Rogério. Por enquanto deixemos os dois na entrada da casa dela, e assistamos o desenrolar desse encontro.

- Oi. – Rogério disse, tentando parecer feliz.

- Oi. Bom te ver.

- Parece surpresa! Estou aqui todas as quartas, no mesmo horário.

- Você tem parecido distante nos últimos dias. Andei preocupada.

- Sim. Tem razão. Me desculpe. Tenho andado meditativo.

Entram na sala, de mãos dadas. Rogério avista o sofá de todas as quartas-feiras e Larissa pergunta:

- E sobre o que você tem meditado tanto? Quer dividir comigo?

- Ainda não. Mas não quero que você se preocupe. Vou tentar ser uma companhia melhor pra você do que fui semana passada.

- Você é sempre uma boa companhia.

Rogério sorri. É difícil não se sentir confortável na companhia de Larissa. Ela é amável, meiga e doce. Doce demais, às vezes, como se nenhum sangue circulasse por aquelas veias. Larissa sorri de volta, aquele sorrisinho dela de moça

tímida, sem mostrar os dentes e, por um momento, eles ficam olhando um para o outro sem assunto, como se tivessem acabado de se conhecer, ainda que já estivessem namorando há quatro anos.

Larissa se lembra de alguma coisa:

- Ah, você nem imagina o que me aconteceu hoje...

Rogério disfarça sua cara de tédio primorosamente, e finge prestar atenção à história de sua namorada, quase noiva.

Vamos deixá-los em seu namoro de sofá com todas as suas banalidades e dar um passeio, talvez por lugares mais divertidos.

Pesando um milhão de quilos a menos, o que era o tamanho de sua responsabilidade com Carlos, Isabel chegou em casa com um grande sorriso no rosto. Sua mãe percebeu a mudança de atitude antes de Isabel atravessar a porta.

- Que cara de contente é essa?

- Carlos e eu terminamos. Não vai haver casamento.

- Tava na hora, né!

Pensando que sua mãe podia ter apenas apoiado sua decisão ao invés de criticá-la pela demora, Isabel deu por encerrada a conversa e se dirigiu ao quarto. Sua mãe tentou impedir.

- Ei, onde você vai? O que você vai fazer com os convidados e os presentes que estão chegando?

- Amanhã eu resolvo isso, mãe. Hoje eu vou comemorar.

- Vai sair em plena quarta-feira? Não vai trabalhar amanhã? Largou o emprego também?

- Vou sair sim, e vou trabalhar também. Se ficar muito tarde eu vou direto.

- O QUÊ?

- Brincadeira, mãe, brincadeira. Só vou sair com a Cláudia, conversar um pouco e dar uma voltinha. Vou estar de volta antes das onze e meia. Vai ser como se eu tivesse ido pra faculdade. Você nem vai sentir minha falta.

- Você não vai pra faculdade hoje?

- Não.

- Vai faltar na aula, Isabel? Primeiro desmarca o casamento, agora vai faltar na aula? Eu não te ensinei a ter responsabilidade não, menina?

Isabel riu alto:

- Que é isso, mãe. Agora mesmo você disse que eu devia ter terminado essa história antes, de repente sou irresponsável? Decide! Além disso, eu não faltei a uma aula sequer este ano, acho que meu histórico escolar aguenta uma quarta feira de comemoração. - Isabel deu um beijo na testa de sua mãe - Relaxa, mãezinha. Eu não tô me marginalizando.

- Depois não diz que eu não avisei.
- Não direi. Se tiver algum tipo de teste surpresa que valha 90% da nota do bimestre, farei questão de contar pra senhora só pra te dar a alegria de dizer que me avisou. Agora vou tomar um banho quentinho e ligar pra Cláudia, tá bom?
Deixando uma mãe aflita no corredor, Isabel entrou em seu quarto.

- Ooooi!
- Oi, gatinha! Tudo bem contigo?
- Tudo ótimo. Estou livre. Terminei com o Carlos. Quero sair pra comemorar. Tá dentro?
- Não vai à aula?
- Não.
- Isso sim é estranho...
- Palhaça.
- Todo mundo sabia que você ia terminar com Carlos. A gente só estava tentando saber se seria antes do casamento ou se você ia chegar até o altar, e dizer não na frente do padre. Tem até bolsa de apostas.
- Tá, tá. Quer sair ou não?
- Aonde você quer ir?
- Não sei. Num boteco. Um lugar bem chinelo, do tipo em que o Carlos nunca entraria. Mas tem que ter batata frita. Tô com fome.
- Aí não dá. Ou você come batata frita ou vai num lugar chulé. Eu não vou comer batata frita com gosto de óleo de soja da Segunda Guerra.
- Ok. Calçada então. A gente escolhe algum quiosque por lá.
- Oito horas?
- Oito horas.
- Beijo.

Enquanto esperava dar a hora pra ir até o ponto de ônibus, Isabel caminhava de um lado para outro do quarto: pensou em começar a organizar as coisas para avisar aos convidados sobre o cancelamento do casamento; depois pensou em organizar um esquema para devolver os presentes; aí pensou em manter os presentes; até que sentou na beirada da cama e começou a dizer a si mesma: "*Se acalma Isabel, se concentra!*". Depois de alguns minutos de exercício mental, desistiu e se arrependeu de ter marcado com Cláudia. Ela queria sair e correr. Como já tinha marcado com a amiga, deitou-se na cama e deixou sua cabeça viajar por mundos sem fronteiras. Pensou em tudo e em nada ao mesmo tempo, sua euforia pela liberdade era tanta que não conseguia se concentrar. Quando deu por si, já tinha perdido a hora e a condução. Chegou ao

lugar de encontro com quinze minutos de atraso, mas encontrou sua melhor amiga tranqüila e sorridente como sempre.

Isabel sempre se surpreendia com a capacidade que Cláudia tinha de amar as pessoas. Nunca conhecera alguém como ela. Genuinamente boa. Em outros tempos ou em outras pessoas, Isabel consideraria aquilo um sinal de fraqueza, mas não em sua melhor amiga. Isabel sabia que aquela bondade não era fingida, e que se tratava de um ser humano com a alma extremamente elevada, além de uma mulher muito bonita. Morena de cabelos negros muito lisos e compridos, olhos igualmente negros e boca pequena, Cláudia não era o tipo de moça que passasse despercebida.

As duas amigas se abraçaram com alegria e Cláudia carregou Isabel pela mão.

- Vem. Já pedi a batata!

- Oi, amor. Obrigada. Desculpa a demora. Acabei me distraíndo e perdi a hora.

- Imaginei. Fiquei surpresa por você querer sair e comer, ao invés de correr. E então? Como vai ser agora? Já fez os planos?

- Planos? Não quero isso nunca mais na minha vida. Um dia de cada vez, é assim que quero viver, um dia de cada vez.

Enquanto entravam na lanchonete, Isabel avistou seu outro grande amigo, Franklin, e alertou Cláudia.

- Hei. Olha quem tá lá: o Frank.

- Oi, Frank.

- Ah... oi mocinhas. Ninguém mais vai pra faculdade, não?

- Falou o rapaz que tá lá no *campus* estudando pra caramba.

- Parei pra comer alguma coisa. Estou procurando uma casa pra alugar e fiquei com o corretor até agora. Quatro casas vistas depois, zero casas para Frank morar.

- Senta aí e come porque quando o Frank começa a falar do Frank na terceira pessoa é um sinal claro de que o açúcar do sangue já era.

- E vocês duas estão fazendo o que aqui? – Se dirigindo apenas a Isabel - Desde quando tu matas aula, Dona Isabel?

- É um dia especial, estamos comemorando.

- Ah, é verdade! Vais te casar no final de semana. A gente devia marcar alguma coisa parecida com uma despedida-de-solteiro. Depois do casamento acho que não vamos nos ver tanto. Vou sentir tua falta, guria.

- Na verdade o que estamos comemorando é o fato de que não vou mais me casar.

- Desmarcastes o casamento? O que aconteceu?

- Frank, olha pra mim. Tenho cara de mãe do filho de alguém, mulher de

alguém, esposa de alguém? O Carlos estava sugando a vida de mim, a situação toda estava sugando a vida de mim, eu só retomei o controle.

- Estás feliz?

- É cedo pra dizer. Estou eufórica, contente, como se pudesse sair correndo daqui e só parar na próxima cidade.

- Vais tirar isso tudo de letra. Mas eu quero o presente de volta, vai ser útil na minha casa nova.

- Feito.

Cláudia que só escutava a conversa até ali, resolveu interferir:

- E, por falar nisso, vai mesmo se mudar? O que tua mãe acha disso?

- Ainda não contei pra ela. Ela vai pirar um pouco no começo, mas tu sabes como é a dona Suria, né! No fundo ela trabalha pra nossa independência. Ela vai perceber o quanto é vantajoso pra mim, morar perto do *campus*.

- Então por que não contou pra ela?

- Porque ela é mãe e mesmo sabendo o quanto é vantajoso vai querer que eu fique em casa. Vou contar pra ela quando tudo estiver resolvido assim ela não me faz mudar de ideia.

- Você consegue bancar o aluguel de uma casa? Não é melhor alugar uma quitinete, um quarto e sala? Tem milhões desse tipo do lado do *campus*.

- É, mas eu quero um quintal, um cachorro, uma casa de verdade, sabe como é? E eu não vou bancar o aluguel sozinho. Já tô falando com uns companheiros aí e vamos dividir o aluguel, como numa república.

- Entendi.

Quando a comida chegou, os três amigos se sentaram e Franklin voltou a falar com Isabel.

- Então. Agora que estás solteira, Dona Isabel. Vais fazer o que da vida?

- Eu? Vou viver.

Se dirigindo a Cláudia, Franklin perguntou:

- E como é que tá a bolsa de apostas do casamento?

- Continua valendo até sábado. Ainda dá tempo de ela mudar de ideia.

- Sério? Tinha mesmo uma bolsa de apostas?

- Tinha, não. Tem. E se tu te mantiveres firme na decisão eu vou ganhar um dinheirinho. Ajuda o teu amigo aqui. Estou a caminho de ser um homem independente e preciso de grana.

- Não acredito nisso! – Isabel se divertia - Posso apostar também?

- Claro que não!

Com muitas risadas, comida frita e nenhuma responsabilidade os três amigos curtiram a noite até que o medo de ficar sem condução para voltar, os fez ir para o ponto de ônibus e depois disso, cada um em uma direção diferente.

Isabel dormiu muito bem aquela noite.

Na quinta-feira, começou a ligar para os convidados. Conversou com cada um deles e, sem maiores explicações, deixou-os avisados que não haveria casamento e, aos que tinham enviado presentes, que estes seriam devolvidos em seus endereços na próxima semana. Felizmente seria um casamento simples - ao contrário do que queria Carlos - e com poucos convidados, então não foi tão difícil.

Ficou o dia todo esperando acontecer. Vigiando. Passou a quinta-feira, passou a sexta-feira e nada. A depressão não se avizinhou, o arrependimento não veio. Estava realmente feliz por terminar aquele noivado. Seu único revés, foi o ex-noivo que, inconformado com o fim repentino, começou a criar problemas perseguindo-a no trabalho e na faculdade, o que acabou forçando Isabel e pedir demissão do emprego e a recrutar Franklin como guarda-costas enquanto estivesse no *campus*.

Duas semanas se passaram, e, como a culpa não chegasse, Isabel decidiu expandir seus horizontes. Em um sábado de manhã, resolveu que queria dançar. Ligou para Cláudia, que chamou outras amigas, e marcaram uma noite só de meninas.

Espero, sinceramente, que o leitor não tenha se esquecido de nosso bom-
moço, Rogério. Da última vez que o vimos, estava entediado no sofá da
namorada, mas não ficou lá por muito tempo. Já que estaria de serviço no dia
seguinte, usou o trabalho como desculpa e saiu cedo. Ele não ia se apresentar pela
manhã, mas Larissa não precisava saber daquilo. As escalas de trabalho dele
sempre deixavam a namorada confusa, e davam a ele muito tempo livre para
pensar no rumo de sua vida.

Definitivamente ele não se via casado com Larissa ou com qualquer outra
mulher. Pensava que seus dias seriam eternas quartas-feiras de sofá, cheias de
tédio e aborrecimento. Afinal, ele era um homem, e queria viver como os homens
vivem: queria correr, se exercitar, viajar no final de semana para qualquer lugar
que lhe desse vontade; queria voltar pra casa no meio da noite sem ter que dar
satisfações. Ele claramente se via fazendo todas aquelas coisas, mas não
consequia ver Larissa fazendo aquelas coisas a seu lado. Ela não era o tipo
esportista, ou despachada, ou espontânea. Tudo em Larissa era coreografado: o
sorriso sempre doce e sempre na hora certa; a voz baixa; a entonação vocal
perfeita. Ela sempre usava a roupa certa, nunca ria alto, nunca passava vergonha.
Uma verdadeira dama.

Uma merda de uma dama que estava sugando toda a vida de Rogério.

Se ele tivesse a certeza de que Larissa tinha um lado oculto reservado só
pra ele. Um lado mais alegre, menos nobre, mais despuadorado e livre. Uma

Larissa disposta a sair de casa pela manhã sem rumo, só pra se divertir. Impossível! Se ela não souber pra onde vai, como poderá escolher o traje perfeito, e o penteado perfeito e coreografar seus sorrisos pra quando chegar lá?

Mas ele dera sua palavra àquela moça. Tinha firmado um compromisso. Que motivo razoável ele poderia dar aos seus futuros sogro e sogra que justificasse um término de relacionamento? "*Estou entediado?*" "*Toda vez que penso em me casar com sua filha tenho coceiras e temor de morrer de tédio?*"

Não. Não ele. Não poderia.

E afinal, ele pensou, o que mais a vida tem tanto a oferecer? "*Meu pai e minha mãe são felizes e não precisam de grandes saltos no coração para isso. Será que tem alguma coisa errada com meu espírito?*"

Enquanto andava pelas ruas da pequena cidade em que morava, Rogério pensava sobre essas coisas quando se sentou em um banco na praça e começou a olhar ao redor. Pessoas, jovens da sua idade, rindo, berrando, se empurrando. Ele nunca fizera nada daquilo. Não que ele não se divertisse. O grupo de jovens, a igreja, os retiros sempre foram muito divertidos, além disso, ele tinha amigos - os via muito pouco, era bem verdade - mas sempre se divertiu muito com eles, sempre teve liberdade. Por que nunca se sentiu tão livre quanto aquelas pessoas pareciam se sentir?

Então ele se viu como nunca tinha se visto antes.

Tanto criticou intimamente Larissa por seus gestos sempre medidos e coreografados, mas ele mesmo não se comportava assim? Ele mesmo não estava sempre lutando contra o que pensava e cuidando com o que falava por causa de seu Testemunho? Ele mesmo não estava sempre controlando seus olhares para não pecar com os olhos? Sempre se contendo para que não o julgassem erradamente? Sim, havia o divertimento, mas parecia tão superficial, tão difícil de se encontrar embaixo de toda a produção e ensaio.

Onde poderia encontrar um pouco de espontaneidade e de isenção?

No mundo!

Estava decidido: iria até a cidade grande. Ainda não sabia onde procurar, mas já sabia o que queria achar: a parte que faltava de si mesmo. Queria ser um homem completo e para isso precisava saber o que faltava.

Rogério tinha um plano.

O encontro

Um programa só de meninas era exatamente do que Isabel precisava: música alta, luzes coloridas e corpos suados se roçando.

Isabel não era uma mulher muito feminina, por isso tinha poucas amigas. Por favor, não me entendam mal, Isabel é bastante feminina, mas falta a ela aquela docilidade, aquela passividade de algumas mulheres. Falta aquela qualquer coisa de mulher que as compele à frente do espelho; que as faz passar horas alisando o cabelo; escolhendo a roupa que vão vestir; que as faz comentar em detalhes todos os olhares que receberam do rapaz que estão paquerando.

Não que ela não se cuidasse, ela só não vivia pra isso. Nossa mocinha praticava esportes pelo seu corpo, mas principalmente porque dava a ela alegria fazer aquilo. Os cabelos longos e crespos que nunca obedeciam ao seu comando ela já tinha entregado à vontade do destino e do vento. As roupas eram sempre discretas, sem estampas para que não precisasse se preocupar com combinações. E, os meninos... Bem... Eram eles quem costumavam passar horas pensando em todos os olhares que ela tinha para distribuir.

Ela gostava de ler, de viajar e, era viciada em corrida. Mas de todos os gostos de Isabel, o que ela mais apreciava era o ato de viver. Amava surpresas e seu coração sempre batia mais rápido quando as coisas aconteciam sem planejamento.

É claro que, enquanto dançava, ela não se prendia a divagações como aquela. Ela só dançava. Estava curtindo o momento.

Sozinha em sua bolha, Isabel dançava como se não houvesse nada mais, nem o amanhã e, enquanto dançava, seu destino dançava com ela, e tinha a forma de dois olhos grandes e castanhos.

Certamente o nosso leitor já deduziu a quem pertencia aquele par de olhos, então, por que não fazemos uma visita aos pensamentos de Rogério?

Rogério chegara à danceteria com seu companheiro de turno, o cabo Alcebiádes, que, de repente, virou Alce. Era estranho não chamá-lo de cabo, ou Alcebiádes, mas como não sabia se haveria outras noites como aquela, relaxou e, na dúvida, chamava Alcebiádes de "cara".

O "cara" estranhou muito quando Rogério perguntou como é que se

divertia na cidade grande.

- *O que você faz à noite quando quer extravasar?*

- *Eu danço, ué! Vou numa boate, pego umas meninas, bebo e volto tarde pra casa.*

- *Como assim, pego umas meninas?*

- *Ah, você sabe, menina que a gente conhece na balada, dá uns beijos, às vezes consegue um pouco mais dependendo de o quanto ela é fácil ou do quanto bebeu, anota o número do telefone e nunca liga.*

Rogério estava surpreso.

- *Mas você consegue pegar as meninas assim e sair beijando sem nem gostar delas? Como é que se faz isso, cara? Não fica com peso na consciência?*

- *Jura? Você é mesmo careta assim, Figalho?*

- *De onde eu venho tem outro nome, mas sim, eu sou careta. Muito careta. Por isso te procurei. Decidi deixar a caretice de lado - pelo menos por uma noite - e ver o que o mundo tem pra oferecer.*

- *O mundo? - Alcebiades deu uma risada alta e balançou a cabeça para os lados - Então tá combinado. Sábado à noite. Tem essa danceteria nova na cidade que eu tô doido pra conhecer. Vamos lá. Se der tudo certo pode ser que você largue essa vida de crente.*

Rogério riu com o companheiro, mas no fundo, no fundo, se sentiu ao mesmo tempo ofendido e envergonhado, Alcebiades continuou.

- *Mas, ó, cada um no seu carro, pra o caso da gente se dar bem. Entendeu?*

Não. Ele não tinha entendido. Mas, pra não começar outra conversa que poderia envergonhá-lo e fazê-lo se arrepender da empreitada, riu, piscou e se virou para a estrada fim de comunicar ao parceiro que aquele assunto estava encerrado, pelo menos até sábado.

Na beira da pista, enquanto observava Isabel dançar, Rogério não pensava na conversa que o tinha levado até ali. Havia algo hipnótico nos movimentos da moça. Algo que o obrigava a olhar. Ela não estava se exibindo. Parecia que nem estava ali, que só estava curtindo a música, mas, por Deus, como era *sexy*. Era a coisa mais sensual que Rogério já tinha visto. Ele não conseguia olhar a si mesmo e nem pensava nessas coisas naquele minuto, mas, se pudesse se ver, enxergaria a si mesmo de olhos arregalados, pupilas dilatadas e boca aberta.

Foi um tapa nas costas acompanhado do cheiro de álcool e da voz alta de Alcebiades que o tiraram do transe.

- *Baita gostosa, né! Vai lá falar com ela, cara!*

- *Ela não quer falar com ninguém. Já vi uns quatro caras tentarem.*

- Ah, qual é! Ela não ia tá dançando daquele jeito se não fosse pra chamar a atenção da gente. Só tá escolhendo.

- Não acredito, cara.

- Se tu não for falar com ela, eu vou. Aquela boquinha linda tá pedindo um beijo e a cinturinha é bem do tamanho das minhas mãos.

Rogério pensou em Alcebíades beijando a boca daquela moça. Sentiu ciúmes.

- NÃO. Não, não, não! Eu vou falar com ela. Só tô tomando coragem.

- Toma. Bebe. – Alcebíades estendeu um copo para Rogério.

- O que é isso?

- Coragem líquida.

Rogério cheirou, mas não bebeu. Alcebíades rolou os olhos pra cima achando aquela atitude sem fundamento e deu o ultimato.

- Vou dar uma mijada, cara. Se tu não tiver falado com ela até eu voltar, vou chegar junto.

Rogério respirou fundo, deu mais uma cheirada na coragem colocou o copo de lado e entrou na bolha de Isabel.

O nobre leitor desse romance pode até chamar isso de *spoiler*, mas a verdade é que ele nunca mais saiu daquela bolha.

Enquanto Rogério penetra a fronteira invisível do vácuo deixado por Isabel na pista de dança, que tal eu abrir um pequeno espaço para discussão nesta narrativa?

Quero que você, leitor, reflita um momento: acredita que uma alma possa estar destinada a outra, apenas esperando o momento certo de encontrá-la para viver a seu lado durante toda uma existência? Acredita em alma-gêmea ou é apenas mais um incrédulo que pensa que somos mais parecidos com os animais do que queremos acreditar e, ao final das contas, apenas regidos por nossos hormônios?

Alma-gêmea, feromônio, ou só o fato de seu espaço pessoal ter sido invadido, não importa a explicação, o fato é que Isabel sentiu a presença de Rogério antes mesmo de abrir os olhos.

Como um cachorro na porta da cozinha, Isabel esticou o nariz para o alto a fim de aproveitar o cheiro de madeira, mel e suor com uma pitadinha de qualquer coisa que ela não conseguia definir, mas sabia ser bom e, quando percebeu que o cheiro estava perto demais para continuar de olhos fechados, ela os abriu e, assim como Deus viu que era bom ao final de cada dia, quando se fez a luz nos olhos de Isabel, ela prendeu a respiração e contemplou a criação.

E o nosso herói? Enquanto caminhava sem nem saber o que dizer, por um

instante de nada pensou em apenas virar as costas e sair, então Isabel abriu os olhos e, quando isso aconteceu, tudo ficou muito fácil. Rogério sabia quem ela era e se sentiu feliz e calmo e, ao mesmo tempo, ficou nervoso e excitado. Ele sabia que aquilo estava certo, que aquela mulher estava ali apenas para que ele pudesse encontra-la.

Quanto tempo ficaram mirando um os olhos do outro nenhum dos dois soube ou quis se dar conta. O cérebro de Rogério foi o primeiro que começou a funcionar.

“Diz alguma coisa, qualquer coisa.”

- OI. - *“Por favor, não me ignora que nem você fez com aqueles caras.”*

- OI. - *“Nossaaaaa!!!! Que homem lindo!!”*

- DANÇA COMIGO?- *“Dança comigo? Dança comigo? Desde quando você sabe dançar, Rogério?”*

- O QUÊ? - *“Que cheiro bom!”*

- DAN-ÇA-CO-MI-GO? - *“Que cheiro bom.”*

- OK - *“Sem meninos Isabel, lembra? Só as meninas hoje. Que merda, Isabel!”*

Talvez seja um bom momento para esclarecer ao leitor que a história que estou narrando se passa no final da década de 1990. Ainda estávamos no século XX, senhores, e essa coisa de dançar junto em discoteca era uma coisa mais de dizer do que de fazer. O "dançar junto" era apenas permitir à outra pessoa ficar de frente para você, seguindo o mesmo ritmo e, às vezes, tentar fazer a mesma coreografia. As pessoas tinham mais respeito pelo limite pessoal umas das outras.

Já nosso casal, mesmo que mantivesse uma distância respeitosa entre seus corpos, não se pode dizer que houvesse qualquer respeito em seus pensamentos. De fato, era bem difícil para os dois manter aquela distância. A música agitada facilitava, mas era como se alguma força magnética unisse suas mãos a partes do corpo do outro e os dois sempre davam um jeito de se tocar.

Isabel logo percebeu que o rapaz não dançava e achou fofo ele tentar só para poder ficar perto, por isso fez questão de ajuda-lo a se soltar. Unindo suas mãos, ergueram juntos os braços que balançavam no ritmo da música. Enquanto se deixavam levar pela batida e pelo perfume que sentiam um no outro, os corpos ficavam cada vez mais próximos e quem percebia primeiro tratava de se afastar, é claro, por motivos diferentes.

Isabel porque não queria problemas emocionais aquela noite; Rogério porque não sabia o que fazer e seu instinto de bom-moço cristão dizia que uma moça precisava ser respeitada.

Cada um dos dois tinha seus próprios conflitos internos.

Isabel tentava entrar em acordo com ela mesma e, fez um trato entre seu corpo e seu cérebro: *“Ok, Isabel, o trato é o seguinte: chega de namorados. Você*

acabou de sair de uma roubada que quase foi longe demais, ainda não está na hora de você se meter em outra. Eu sei que ele é lindo, eu sei que o cheiro dele é qualquer coisa de outro mundo, mas é só uma noite. Estamos entendidas, Dona Isabel?"

Rogério estava dividido entre o que sabia ser certo e o que queria fazer. Por fim decidiu racionalizar: *"Estou aqui pra experimentar. Fiz um propósito de passar pelo menos uma noite no mundo pra saber o que ele tem pra oferecer e porque eu devo me casar com a Larissa. Então vou deixar de lado tudo o que sei. Sem telefones. Sem endereço. Sem culpa."*

Assim, decididos os dois, tudo ficou mais fácil e, desafiando a batida da música, a pista lotada e o fato de mal se conhecerem, realmente dançaram juntos. Seus corpos colados, barriga com barriga, enlaçados pela cintura ou pelo pescoço, entraram em sintonia e dançaram juntinhos por um bom tempo, até que Rogério pensou que não aguentaria mais.

- VAMOS PARAR UM POUCO? - *"O cheiro dela está por todo lugar."*

- SIM. - *"Não..."*

Saíram da pista de mãos dadas. Ele guiando os dois no meio do tumulto, enquanto ela prestava atenção em seu físico. Percebeu que era muito alto e realmente bonito. Gostou de sua postura e, enquanto caminhavam, concluiu que ele devia ser militar ou muito consciente da própria beleza. Realmente o tipo de homem que ela tinha que aproveitar muito bem porque em outras circunstâncias jamais a olharia duas vezes.

E as mãos dele? Isabel tinha um fraco por mãos. Gostava de mãos grandes e limpas, com unhas bem cortadas e as pontas dos dedos deviam ser arredondadas, isso era importante. Ela também gostava de dedos compridos. Além das mãos, Isabel tinha um fraco por aquele ossinho da clavícula que em alguns homens é bastante acentuado. Até nisso ela considerou seu par perfeito: os ossos da clavícula de Rogério apareciam pelo decote da camiseta com gola V e combinava perfeitamente com o sorriso branco e perturbadoramente lindo que ele tinha.

Isabel pensava em tudo aquilo enquanto saíam da pista. Rogério só pensava no que diria quando finalmente comessem a conversar.

No bar, ambos sentiram um friozinho na barriga. Isabel percebeu que sua mão ainda estava presa à dele e ficou intimidada por se sentir tão à vontade. Talvez fosse a música, talvez fosse a meia-luz, mas aquela mão era tão perfeita segurando a sua que ela teve a sensação de ter segurado aquela mão por toda a vida.

Rogério nem percebia que segurava uma mão. Para ele parecia muito natural, como se aquela mão tivesse sido feita pra ficar dentro da sua de tal modo que nem percebeu que desenhava pequenos círculos com seu polegar nas costas